



Editorial

O Dossiê “Bioética: novos olhares” quer refletir sobre as diferentes perspectivas que a Bioética apresenta; porque no início deste século deparamos com transformações de cunho científico e tecnológico impensáveis. As ciências biomédicas, aliadas à tecnologia, permitem manipular o ser humano em todas as fronteiras da vida, despertando no indivíduo e na sociedade questões éticas que vão de encontro aos valores espirituais que alimentam a dignidade humana. Esses valores internos regulam nossas ações em comunhão com a natureza e com o próximo, determinando a conduta ética.

Queremos destacar que os temas abordados nos artigos salientam no seu conjunto uma espiritualidade subjacente, e daí decorrem o cuidado, a responsabilidade e a experiência do transcendente. É possível relacionar espiritualidade e bioética?

Segundo Guzzo e Mathieu, a compreensão da espiritualidade dentro da bioética passa necessariamente por um conceito básico que lhe dá suporte, ou seja, o espírito. “Espírito” é um termo de origem latina que significa basicamente *sopro*, ou *respiro*. Corresponde ao termo grego “*pneuma*”. Em latim, os termos “*espírito*” e “*alma*” derivam da palavra sânscrita “*atman*”, para significar o respiro. O conceito de *espírito*, como que por um recurso de metáfora, se serve do respiro para referir-se ao vital, que se mostra em todos os animais pela respiração. Para Schaffler, originariamente, todos esses conceitos estão compreendidos no termo “*nefesh*” (hebraico), “*psiché*” (grego), “*anima*” (latim), para significar todo ser que respira.

Esse contexto sugere uma pergunta muito pertinente: O espírito é uma contraposição à matéria?

Para Márcio Fabris, a distinção entre espírito e matéria é imemorial na história da humanidade. Um modo de compreender distingue espírito e matéria como dois princípios constitutivos do ser humano. Distinguem-se, mas dão-se de modo essencialmente conjugado para a constituição do ser. O outro modo distingue espírito e matéria como duas entidades que compõem o ser humano.

Ao perceber a diversidade de compreensões do conceito espírito, pode-se facilmente imaginar que o termo “espiritualidade”, que dele deriva, terá também, uma variação de significados. Esse entendimento se faz necessário para melhor compreender o lugar da espiritualidade na bioética.

Para Márcio Fabris, a espiritualidade é uma condição humana da qual não se escapa. Será muitas vezes difícil identificá-la e caracterizá-la devidamente, mas de alguma forma ela estará ali presente no ser humano que age como tal, mesmo que não se explicita em termos religiosos. Como se pode observar, um sentido possível de espiritualidade seria relacionado com a atividade intelectual, que é uma fonte característica espiritual do ser humano. Nesse sentido, não haveria dúvida em dizer que a Bioética é, sempre, uma atividade eminentemente espiritual. Dessa maneira, a espiritualidade adequada à bioética estaria sempre aberta aos dados científicos e à racionalidade, não sendo necessariamente religiosa, num sentido estrito. Mas, a espiritualidade se nutre do apoio, ou seja, do sopro que partilha entre as pessoas, particularmente em sentidos e significados demonstrados em gestos e palavras. Não há dúvidas da necessidade de uma espiritualidade para crentes e não crentes.

Dessa maneira, poderíamos dizer que a bioética é uma contínua transcendência?

A extrema complexidade humana exige uma ética sistêmica na abordagem das questões atinentes à sua realidade. É uma exigência interna do próprio discernimento. Optar por uma visão ética sistêmica não significa ter soluções prontas e definidas num receituário antropológico, mas interconectar e confrontar diferentes saberes que permitam ao ser humano encontrar o caminho de humanização que leve em consideração: sua singularidade histórica, biológica e espiritual; sua inserção

particular numa família, grupo, etnia, país, religião; ou sua pertença universal à humanidade fundada em direitos e deveres para com o conjunto dos seres humanos.

Quando se defende que o sentido para a ação ética transcende o indivíduo, sua cultura e sua religião, está-se afirmando que a ética, para ser autêntica, é uma ação que contempla a realidade do outro e de outras vidas, por isso, poderia ser dito que se está defendendo uma ética da alteridade. Pode-se encontrar o outro em diferentes formas, em outras culturas, outro gênero, outras religiões, mas, não há dúvidas, é na dimensão social que o outro apresenta sua face mais desafiante. Entende-se aqui que essa é a chamada “questão social”, que precisa ser amplamente abordada quando se deseja falar de uma ética que não exclua a maioria das pessoas que habitam este planeta.

É necessário reconhecer e valorizar o sentido que as pessoas atribuem às suas próprias vidas, pois se percebe que há nisso um valor antropológico fundamental, ou seja, a necessidade de que a vida humana faça sentido. Do sentido da vida decorre o sentido da ação, pois é do credo que decorre a ética. Esse é um processo dinâmico. O ser humano vai construindo cotidianamente o sentido de sua existência. É entre tensões e desafios, conciliando opostos e buscando o equilíbrio, que se afirma o sentido da existência como base de orientação para o agir ético.

Nessa perspectiva, a Bioética, como ciência que aproxima diferentes saberes, precisa se fundar num esforço de contínua transcendência, principalmente quando abordar dimensões humanas difíceis de serem colocadas juntas – como as dimensões biológica e transcendente –, como quando tem de acolher contribuições da Genética e da Teologia. Esses dois saberes têm dificuldade para contemplar a realidade integral do ser humano. Mas essa integração é necessária, pois uma ação ética sustentável exige o equilíbrio diante de uma compreensão mais abrangente do ser humano. Não há dúvida de que uma bioética que queira respeitar o ser humano com toda a sua complexidade será sempre uma bioética de transcendência.

Uma bioética que busca a transcendência justifica-se como uma bioética de intervenção. Esse mundo desigual – no qual uns têm a possibilidade de sentir prazer enquanto a outros resta a probabilidade do

sofrimento – configura o panorama que em nosso entendimento justifica uma bioética de intervenção. Uma proposta que: quebrando os paradigmas vigentes, reinaugure um utilitarismo humanitário orientado para a busca da equidade entre os segmentos da sociedade; seja capaz de dissolver a divisão estrutural centro-periferia do mundo e assumir um consequencialismo solidário alicerçado na superação da desigualdade; e traga a equidade para o cotidiano de seres humanos concretos dando à ideia de humanidade sua dimensão plena.

O teólogo pode ser um facilitador dessa perspectiva ética sistêmica no debate, porque essa perspectiva está inscrita no próprio coração da moral cristã pela vida trinitária. Segundo Junges, o Deus cristão é, ao mesmo tempo, unidade e diversidade sem fusão nem confusão, imanente e transcendente, divino e humano, histórico e eterno. Essa concepção sistêmica do Deus cristão que conjuga unidade e diferença irá determinar uma compreensão complexa, isto é, uni-diversa do próprio cristianismo. Nesse sentido, a autêntica moral cristã sempre soube conjugar graça e liberdade, princípios/valores e circunstâncias históricas, norma universal e caso singular.

Dessa maneira, o Dossiê deste número de *Pistis & Práxis* sugere e instiga a bioética sobre novos olhares. Percebe-se uma interconexão subjacente entre os temas espiritualidade, cuidado, responsabilidade, transcendência... Assim, respeitando essa temática, os dossiês desta edição são: “Bioética, nova cultura somática e sensibilidade: o cuidado do profissional da Saúde”; “Espiritualidade e bioética: prevenção da ‘violência’ em instituições de saúde”; “A pessoa: fenômeno causal ou espontâneo? Exame crítico das objeções de Ansgar Beckermann à existência da alma”; “A espiritualidade como fonte sistêmica na Bioética”; “Espiritualidade e bioética”; “Teologia moral, bioética e cultura da morte: desafios para a pastoral”; “Teologia da compaixão para com os animais: a prática de Jesus”; “Igreja católica e ciências: por uma cultura do diálogo e da vida”; e “Bioética: interpelação à Igreja como comunidade de discernimento”.

Completa este número de *Pistis & Práxis* a seção Diversos. Ali se apresenta o artigo “Espiritualidade protestante no pensamento de João Amós Comenius”. Esse artigo tem como objetivo, a partir do protestante João Amós Comenius, a quem devemos a sistematização das ciências educacionais, oferecer uma abordagem do assunto, tendo como fundamento sua

obra *O labirinto do mundo e o paraíso do coração*. Outro artigo da seção tem como título “Anabatistas sob o Cruzeiro do Sul: A experiência Menonita no Brasil (1930-1945)”. Esse artigo relata a imigração de alemães Menonitas ao Brasil, notadamente no Paraná e em Santa Catarina, revestindo-se de um caráter bastante especial, em comparação com outros grupos imigrantes. Os Menonitas se constituíram num grupo religioso bastante fechado e que rejeitava o contato com o mundo secularizado. Fecha essa seção o artigo “Categorías emergentes identidad y formación integral en la educación religiosa”, de Yebrail Castañeda Lozano e Amparo Novoa Palacio.

Por último, temos a resenha escrita por Everaldo dos Santos Mendes do livro *Introdução à Fenomenologia*, de Angela Ales Bello.

Prof. Dr. Waldir Souza
Pelo Conselho Editorial